

Mulheres e moda: a feminilidade comunicada através das roupas

RESUMO

Discute-se nesse trabalho como as roupas expressam o *self* corporal das mulheres, através de pistas culturais e históricas de como a feminilidade pode ser entendida. A moda pode servir como aliada das mulheres na sua busca de espaço no meio da cultura, no mundo do trabalho e para reconhecimento como ser humano. No entanto, a moda pode, também, constituir-se em obstáculo à expressão igualitária, limitando as possibilidades de agilidade física e/ou integração no meio social. O vestir, então, deve ser entendido não como forma de proteção do corpo, mas como veículo ideológico tanto da atração sexual, quanto da construção da feminilidade historicamente determinada.

ABSTRACT

PALAVRAS-CHAVE

- Feminilidade
- Moda
- Roupas
- Gênero
- Mulher.

Marlene Neves Strey

Dra. em Psicologia Social
Prog. Pós-graduação Faculdade de Psicologia / PUCRS
strey@pucrs.br

Por que a maioria dos desenhistas de moda odeia as mulheres?

COM ESSE TÍTULO, o *Daily Mail* londrino, em 08/03/94, nas páginas 28 e 29, continuava um debate sobre as últimas tendências da moda feminina, que havia começado em 03 de março (páginas 22-23: "High Fashion – or low decadence?") e 07 de março (página 03: "Just how long will they go?) do mesmo ano.

Na reportagem, Gail Rolfe, a jornalista que assinava a matéria, asseverava que

A moda tem sido dominada por um ânimo poderoso, subversivo e anárquico. Todas as velhas tradições de beleza, excelência e bom gosto foram desprezadas, substituídas por roupas que se tornaram de predatórias e agressivas... a abertamente vulgares. O show de Karl Lagerfeld em Paris nada fez para mudar essa tendência. Suas roupas estavam horríveis (...). Suas roupas podem ter apenas um propósito – tornar as mulheres medonhamente feias (*Daily Mail*, 03/03/94, p. 28).

A repórter de moda continuava, ao longo da matéria, desafiando algumas de suas teorias sobre o porque dessa violência contra as mulheres que, de alguma maneira, concordavam com as idéias de Lurie (1994) que pensa que situações como a retratada no *Daily Mail* é o ápice do que anda acontecendo no mundo da moda, que vem crescendo, insidiosamente nas últimas décadas. O mesmo jornal, algumas semanas antes, havia mostrado fotos de uma artista de cinema (desconhecida para o grande público) que usava, durante uma festa, um vestido de

renda completamente transparente, de absoluto mau gosto, segundo o periódico. No mesmo sentido, uma revista dominical do jornal espanhol *El País*, também mostrava, na mesma época, uma roupa de alta costura, que deixava o corpo da modelo quase despi-do, com exceção de uma espécie de tanga de pele, que reproduzia, sem disfarçar, os pelos pubianos que aparentemente cobria. Enfim, exemplos como esses podem ser encontrados em qualquer revista de moda, tanto impressa quanto eletrônica.

Em outros tempos, freqüentemente, o objetivo oficial do vestir era a modéstia sexual. Entretanto, a vergonha parece ter desempenhado um papel muito pequeno na história das roupas. Alguns autores ou autoras acreditam que o ocultamente deliberado de certas partes do corpo começou não como uma maneira de reprimir o interesse sexual, mas como um inteligente mecanismo de estimulá-lo. De acordo com essas teorias, as roupas são um excitamento, um convite à busca de mais informações sobre o que escondem. Aquelas partes do corpo que são consideradas como sexualmente excitantes, seguidamente são cobertas de tal maneira, que ficam exageradas e chamam a atenção (Lurie, 1994).

Podemos pensar que as roupas, no começo, eram usadas para manter o corpo aquecido, como nas épocas glaciares dos tempos primitivos, mas, em algumas áreas tropicais, a proteção contra o frio não poderia ser o motivo dominante para seu uso (Laver, 1992). Alguns autores, como Lurie (1994) afirmam que, desde os tempos primordiais, uma função importante das vestimentas era aumentar a atividade erótica: homens e mulheres deveriam se atrair mutuamente para assegurar a sobrevivência da espécie. Para se obter maior fertilidade, é necessário ter relações íntimas com pessoas do outro e não com as do mesmo sexo. Assim, o objetivo básico do vestir seria distinguir os homens das mulheres e vice-versa. Algumas vezes essa separação é absoluta: o que um homem pode vestir sem qualquer problema, uma mulher não pode, ou o contrário, o que uma mulher usa,

um homem não pode usar. Em épocas assim, os índices de nascimentos costumam ser altos. Outras vezes, como nos tempos atuais nas sociedades ocidentais, muitas roupas podem ser vestidas por ambos os sexos, decaindo com isso, segundo Lurie (1994), as taxas de nascimentos. No entanto, mesmo nos tempos de agora, a maioria das roupas podem ser identificadas como sendo para mulheres ou para homens.

Qualquer roupa pode ser definida como erótica. Mesmo nas sociedades cujos membros ordinariamente vestem pouca coisa, eles e elas costumam vestir-se para determinadas cerimônias e ocasiões que despertem o interesse sexual. A roupa desperta ou aumenta a atração porque revela e esconde ao mesmo tempo.

A diferenciação de gênero através das roupas começa desde o nascimento: embora a criança recém nascida possa ser vestida mais “neutramente”, logo começará a ser ataviada segundo as prescrições de sua cultura (Eicher e Roach-Higgins, 1992).

Na primeira infância, meninas e meninos usam, às vezes, formas e tecidos semelhantes, mas, freqüentemente, os meninos têm roupas mais escuras e ornadas de motivos esportivos, transportes ou animais selvagens. Já as meninas usam cores mais claras e enfeites de flores e animais domésticos. Essa diferenciação sugere que os meninos irão dedicar-se a jogos vigorosos e a longas viagens, e as meninas ficarão em casa com as plantas e os pequenos animais. Esses motivos também podem significar a quem os veste: o menino é um ursinho de estimação ou um tigrinho risonho; a menina, uma flor ou uma gatinha. As roupas dos meninos também tendem a ser mais amplas nos ombros e as das meninas nos quadris, em uma antecipação de seus corpos adultos (Lurie, 1994).

As roupas femininas durante a maior parte da história moderna era feita para sugerir capacidade para a maternidade. Elas sublinhavam contornos arredondados, insistiam em tecidos ricos e macios, e tendiam a centrar o interesse no busto e no estômago.

Depois, o vestido feminino passou a levar uma noção de debilidade e fragilidade e, mais tarde, a uma noção de liberdade e liberação e assim por diante.

Assim, o vestir precede à comunicação verbal ao estabelecer uma identidade individual de gênero, assim como as expectativas para outros tipos de comportamento (papéis sociais baseados nessa identidade). A importância do vestir na estruturação do comportamento procede do fato de que a informação que é transmitida de pessoa a pessoa pela roupa, não é claramente traduzida em palavras. Devido a que o estabelecimento de formas de gênero ao vestir masculino e feminino fornece uma maneira visualmente econômica para reforçar o fato de que as pessoas têm órgãos sexuais que são a distinção primária entre os sexos, as roupas servem tanto ao macro sistema biológico quanto ao macro sistema social (Eicher e Roach-Higgins, 1992).

Em uma sociedade patriarcal, uma mulher maravilhosa, “boba” e inútil é o objeto máximo de ostentação consumista. Suas roupas (colantes, justas ou volumosas, com muitos metros de tecido, que atrapalham, por exemplo, o simples ato de caminhar) e acessórios (saltos agulha, perucas, jóias pesadas) que dificultam sua vida e as deixam em situação de inferioridade na competição com os homens, costumam ser considerados como sexualmente atraentes.

O vestir (juntamente com os cosméticos e penteados) compreende o que está mais proximamente ligado ao *self* corporal – que estrutura muito do que vemos uns nos outros – razão pela qual adquire quase naturalmente uma capacidade especial de “dizer coisas” sobre esse *self*. Vestir, então, passa facilmente a servir como um tipo de metáfora visual para a identidade, registrando as ambivalências culturalmente ancoradas que ressoam dentro e entre as identidades (Davis, 1992).

A feminilidade que a roupa pode expressar tem um significado concreto em cada período da história humana. A identidade feminina é expressa pela forma de seu corpo, por seus vestidos, maquilagem, penteados.

As roupas femininas através dos tempos

A moda é, entre outras coisas, um contínuo diálogo entre o natural e o artificial. Ainda mais, a moda às vezes ajusta-se ao formato do corpo e às vezes tenta modificar esse formato através de inúmeros artifícios: espartilhos, cintura logo abaixo do busto ou nos quadris, volantes, enchimentos, etc.

Por outro lado, parece que o corpo realmente tem mudado durante os diferentes estágios da história da humanidade. A comida parece ter tido um papel muito importante nesse processo. Como um exemplo, foi publicada no *Daily Mail* de 16 de fevereiro de 1994 (páginas 18 e 19), uma reportagem sobre uma pesquisa que revelava que o corpo das mulheres mudou ao longo de quarenta anos (entre 1953 e 1993). Entre outras diferenças corporais, o texto mostra as fotos de duas mulheres, de uma e outra época, onde se percebe e se aponta que o busto teria ficado maior e mais em baixo. A cintura, em média, teria ficado mais grossa, o mesmo passando com os quadris. O traseiro teria passado a um formato completamente diferente, mais flácido e grande. As pernas seriam mais longas, mais grossas em cima e mais finas em baixo, e assim por diante.

Mas, com ou sem mudanças no corpo, a vestimenta feminina (e a dos homens também) tem mudado drasticamente durante a longa trajetória desde a caverna até os nossos dias.

Para podermos ter uma idéia, é possível delinear, em linhas gerais, algumas das características mais significativas das roupas através dos tempos. Existem vestígios que nos mostram como a roupa foi se transformando. Obviamente, esses vestígios dizem mais das roupas das mulheres e homens de classe alta porque são mais retratados e conservados nos remanescentes históricos.

Consultando Tarrant (1983), Blanco y Negro (1991), Laver (1992) e Lurie (1994), podemos traçar alguns aspectos que fizeram a diferença num brevíssimo bosquejo histórico sobre as roupas como veremos a seguir.

Os grupos primitivos provavelmente usavam para cobrir-se, peles de animais, cascas de certas árvores, espécies de feltros de lãs ou pelos e, depois, tecidos fabricados. Não temos muita evidência de diferenças de gênero no estilo ou no tipo de roupa.

Nas civilizações antigas, entre os assírios e babilônicos, as mulheres usavam xales franjados e as casadas tinham que usar véus quando em público. As persas usavam calças compridas, mas entre os Medas não havia muito contraste entre as vestimentas masculinas e femininas.

No Egito Antigo, as roupas eram uma espécie de distinção de classe, com pouca variação ao longo de três milênios. Eram apertadas ao corpo, com grandes colares; o busto ficava exposto e as meninas tinham a cabeça raspada.

Em Creta, usavam-se roupas de cintura apertada e com babados, com uma espécie de colete que terminava pouco abaixo dos seios. Havia superposição de peças e uma grande variedade de penteados.

Na Grécia, até o advento de Alexandre, não havia muita diferenciação entre o que homens e mulheres vestiam: espécies de retângulos de vários tamanhos, drapeados sem costura, sobre o corpo. Antes das vitórias gregas, ambos os sexos usavam cabelos compridos. Com o passar dos tempos, esse costume era apenas para crianças e mulheres. As diferenças de classe apareciam através das cores e tecidos: ricos, coloridos e estampados para as mulheres ricas e marrom avermelhado para as pobres.

Em Roma, no princípio, também não havia muita diferença nas vestimentas de ambos os sexos: longas togas ajustadas, sem cinto, com mangas curtas, fechadas com laços. Sobre a toga, uma capa retangular que, quando necessário, podia ser colocada sobre a cabeça. Primeiramente eram feitas de lã, mas, depois, passaram a ser de linho ou algodão e, para as mais ricas, de seda, ornamentadas de franjas douradas e muitos bordados, sendo as cores favoritas o vermelho, o amarelo e o azul. Também era costume usar véus quando em público. Quanto ao

cabelo, parece que ser loira era preferido, razão pela qual as que tinham cabelo escuro recorriam ao clareamento artificial. Muitas usavam mechas falsas ou mesmo perucas, numa enorme variedade de estilos.

Mais tarde, em Bizâncio, as roupas deviam esconder e obscurecer o corpo, mas muitas delas eram pesadamente estampadas com animais, flores e cenas bíblicas. O púrpura era reservado ao Imperador e sua esposa, mas todas as demais cores eram usadas pelos ricos. Podia-se perceber a influência de outros povos nas vestimentas: o caftan (Síria), a toga longa com mangas (Assíria), os chapéus (China).

Ao chegarmos aos primórdios da Idade Média européia, pode-se constatar que pouco se sabe hoje sobre as roupas femininas (séculos 6 a 8). Mas alguns indícios revelam que as mulheres usavam longas túnicas decoradas com cintas bordadas, os braços desnudos. Broches mantinham as roupas nos ombros e na cintura usavam cintos de couro. Nem os homens nem as mulheres usavam chapéus e ambos os sexos tinham os cabelos compridos.

Depois do ano 900 d.C., as mulheres anglosaxônicas usavam túnicas, mantos que podiam cobrir a cabeça e baixar até o chão. Os cabelos eram longos, até os joelhos e estavam quase sempre tapados por um véu. No retorno dos Cruzados, as damas ocidentais adotaram o véu muçulmano ou pelo menos um pequeno véu que cobrisse a parte inferior do rosto. As mangas se tornaram imensamente longas e muito largas nos pulsos.

Mais ou menos pelo ano 1130 apareceu o corpete moldado a fim de ajustar-se até os quadris, com a saia ampla caindo em folhos até os pés.

Entre os séculos doze e início do quatorze, usava-se a “barbette”, uma faixa de linho passando sob o queixo e drapeada nas têmporas e, na segunda metade do século quatorze, as roupas de homens e mulheres tomaram novas formas. Estava surgindo algo que poderia ser chamado de “moda” (Laver, 1992).

As mulheres se vestiam de maneira

muito menos extravagante que os homens, mas as roupas eram decotadas, com parte do busto aparecendo. O véu foi abandonado (apenas as viúvas o usavam). Começou uma longa série de penteados, que foram ficando cada vez mais elaborados e fantásticos até o final do século quinze.

Na Renascença e no século dezesseis, as roupas femininas eram muito mais modestas que as masculinas. As das mulheres de classe alta eram muito coloridas (pela influência alemã). O vermelho era a cor favorita. Apesar de algumas leis, as classes médias imitavam as classes altas tanto quanto podiam.

Em meados do século dezesseis, tudo mudou: a dominação germânica na moda europeia, com suas cores fortes e brilhantes e fantásticas formas, deu lugar à moda espanhola, ajustada e sombria. Mesmo durante a guerra entre Espanha e Inglaterra, a influência espanhola persistiu, com poucas mudanças até o final do século. As pregas e os franzidos mostravam o *status* na sociedade e a atratividade das mulheres.

No século dezessete, as roupas das mulheres, embora ainda elaboradas, eram mais *naturais*, pois o corpo feminino não era muito deformado. Enquanto as roupas femininas permaneceram relativamente estáticas, as dos homens sofreram uma real revolução. A corte francesa impôs a moda de Luiz XIV a quase todo o mundo.

Roupas de moda, no século dezoito, pelo menos para a classe alta, significavam roupas francesas e eram difíceis de serem classificadas segundo os estudiosos contemporâneos, embora naquela época não houvesse muito essa preocupação. Nesse século, as mudanças na moda foram fantásticas, tanto para as roupas quanto para os penteados, chapéus e ornamentos. O mesmo aconteceu no século dezenove.

Entre 1800 e 1850, tudo era feito para tornar a mulher o mais pequena possível. Por exemplo, pés pequenos eram admirados como marca de gentileza. Na década de 1850 aumentou a prosperidade ocidental e, com isso, houve uma crescente elaboração do vestir. Para substituir as muitas anáguas

usadas, foi inventada uma espécie de gaiola, a crinolina. Esse invento deve ter sido considerado por muitas mulheres como um instrumento de liberação. Não mais impedidas por muitas capas de anáguas, elas podiam, dentro de suas caixas de aço, mover livremente as pernas. No entanto, no final de 1850, as crinolinas eram verdadeiramente prodigiosas, tanto que era impossível que duas mulheres pudessem entrar juntas em uma sala ou sentarem no mesmo sofá.

A crinolina era um símbolo da suposta inacessibilidade das mulheres e, ao mesmo tempo, um instrumento de sedução, atraindo atenção para as saias com sua constante agitação, atiradas de um lado a outro. A crinolina atingiu seu maior tamanho no ano de 1860.

Em 1880, apareceu o Movimento da Roupas Racional e o do Traje Estético. Os membros do primeiro movimento estavam protestando particularmente contra os espartilhos apertados e deformantes e sobre as desnecessárias camadas de roupas, enchimentos e curvaturas.

Em 1890, a bicicleta tornou-se imensamente popular. As saias-calças apareceram. Apesar das muitas pressões, as mulheres jovens insistiam em usá-las. O novo entusiasmo pelos esportes ao ar livre tornou necessário o uso de vestimentas mais racionais, o que propiciou o aparecimento dos trajes de corte “masculino”. As roupas esportivas femininas eram geralmente pesadas e de cores escuras.

Não é necessário, agora, descrever o que passou em termos de moda, no século vinte. Basta lembrar as saias longas e justas do início do século, os espartilhos, as travas elásticas para os tornozelos (que impediam um passo deselegante e apressado); o sobe e desce das saias e dos decotes no decorrer das décadas; a influência das guerras nos estilos; a influência da indústria cinematográfica na moda; o surgimento da moda “pret-a-porter”, da moda jovem, etc. Enfim, cada década do século vinte teve características que se impuseram na vida das mulheres, quer fossem ricas ou pobres, donas de casa ou executivas,

brancas e não brancas.

Embora as mudanças nunca tenham ocorrido tão rapidamente como no século vinte, principalmente da metade para o final, a roupa ainda continua a simbolizar inúmeros aspectos das culturas, economia, religião, ideologias, gênero.

Feminilidade e a *liberação* das mulheres

Pensando sobre o passado e os dias presentes, podemos ver o quanto a moda tem a ver com a situação social das mulheres.

As modas do começo do século dezanove, por exemplo, eram designadas para ressaltar o aspecto de imatura fragilidade feminina. Um físico leve e fraco era admirado e uma saúde robusta era considerada grosseira e de baixa classe. Vestidos e sapatos frágeis, de sola fina, perpetuavam a charmosa má saúde das mulheres. Quando usados em salões de baile ventilados ou em ruas cobertas de neve ou de barro, esse tipo de roupa quase sempre assegurava gripes com febre e dor de garganta, que eram comuns nas heroínas das novelas de Jane Austin e as Irmãs Brönte.

As mulheres vitorianas, além do uso do espartilho, usavam várias capas de blusas, três ou quatro anáguas, um merinaque e um longo vestido, que poderia ter sido feito com até vinte metros de pesada lã ou seda. Quando fora de casa, costumavam usar também um pesado xale de lã e um grande chapéu decorado com plumas, laços e véus. Elas podiam suportar entre cinco e quinze quilos de roupas. Com elas, era difícil moverem-se ou caminharem vigorosamente e era quase impossível correr. Em uma situação de emergência, era, então, apropriado desmaiar, confiando na proteção do cavaleiro mais próximo.

A primeira onda do feminismo, no século dezanove, não liberou a maioria das mulheres das pesadas roupas daquele tempo. A mulher que tivesse um trabalho ou opiniões independentes, poderia usar, em lugar de um vestido longo, com adornos de renda, um traje feito de lã ou linho, cortado

mais simplesmente, com uma blusa, uma gravata e um chapéu de palha imitando os chapéus masculinos. Mas essa imitação era superficial. Sob as roupas, o espartilho continuava igualmente desconfortável e restritivo como sempre. A mensagem dessas roupas era clara: a pretensa eficácia ou a força intelectual “masculina” era apenas externa; dentro, a mulher continuava pertencendo ao sexo fraco. Entretanto, o uso desse tipo de roupa não significava necessariamente, a aceitação do *status quo*. Algumas feministas usavam-na deliberadamente para confundir ou desarmar seus oponentes. De fato, as líderes inglesas do movimento de liberação feminina eram famosas por sua elegância.

No século vinte, lá pelo final da Primeira Grande Guerra, as roupas femininas eram relativamente menos restritivas, mas ainda condicionadas pelo sexo e nunca eram tão confortáveis como as roupas masculinas.

Mais tarde, na década de vinte, as jovens emancipadas pareciam-se aos rapazes, mas eram masculinas apenas da cintura para cima. Abaixo, suas saias e meias de seda proclamavam que, basicamente, elas eram mulheres.

História semelhante ocorreu com as calças na moda feminina. Desde o Movimento Bloomer, no século passado, passando pela década de vinte e pela de trinta do século XX, dizia-se que usar calças era feio e, desejar usar calças não era natural, além de ser sexualmente menos atraente. Antes da década de sessenta, a mulher que usasse calças, somente era liberada externamente. Sob as roupas, ela era mais espremida, prensada e apertada que na década de vinte. Nos anos setenta, as mulheres de todas as idades vestiam trajes com calças para trabalhar, ir a festas, teatro, restaurantes elegantes e viajar em vôos internacionais. Os/as editores/as de moda afirmavam e as mulheres acreditavam, que os velhos tempos tinham acabado para sempre.

Todavia, nos últimos anos, tem havido cortes perturbadores e parece que estão chegando com força alguns movimentos contrarrevolucionários. Na verdade, toda a história da moda feminina desde 1910 até

agora pode ser vista como uma série de campanhas com maior ou menor sucesso para fazer as mulheres voltarem a estilos desconfortáveis, mas não só com o desejo de ostentação e para assegurar a propriedade sexual, mas também e, mais ainda, para prejudicar as mulheres em sua competição profissional com os homens, na apropriação da arena política, no encaminhar-se livremente em todas as áreas do espaço social e cultural humano.

Parece haver permanentemente uma luta de forças e a moda sempre toma partido, ora ajudando as mulheres a ficarem mais livres, ora arregimentando obstáculos a essa liberdade através de roupas e acessórios limitantes, como os saltos altíssimos, que impedem o caminhar fluido, as saias curtíssimas ou extremamente justas, que inibem movimentos espontâneos e assim por diante. E é bom não esquecer a demanda atual por corpos esbeltos, sob a qual a ciência, a literatura, os meios de comunicação se unem para pressionar as mulheres que, como todo mundo sabe, têm muito mais possibilidade de adquirir graxa do que músculos. Então, é claro, músculos enxutos e flexíveis são considerados muito mais bonitos e saudáveis do que gordurinhas localizadas, “pneus” e celulite. E isso em tempos em que o “fast-food” está ali, na volta da esquina, esperando pelas executivas, balconistas e escriturárias que têm pouco tempo, porque o trabalho espera impaciente, como um dono exigente. Afinal, nada mais feminino, hoje, do que a super mulher, trabalhadora, profissional, inspiração e referência para suas filhas e amigas, sempre bem vestida, maquiada e penteada e, magra... E lá vamos nós, outra vez, no círculo vicioso que imprime mensagens contraditórias à feminilidade construída sob a máscara da natureza essencial feminina ■